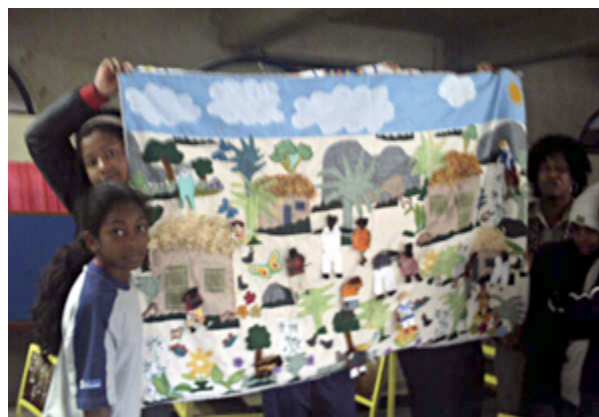


## Cotidianos e Redes Educativas

### RECONFIGURANDO A IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA

Sonia Regina dos Santos



*Tapetes contadores de história produzidos por alunos do ensino fundamental do CIEP Santos Dumont, Petrópolis (RJ), em comemoração do dia da consciência negra – novembro de 2009.*

**A** ideia central deste texto é suscitar possibilidades de práticas efetivas de leitura de literaturas contemporâneas nas salas de aulas, práticas essas sugeridas em atenção ao cumprimento da Lei 10.639/03, posteriormente modificada pela Lei 11.645/08, que, em seu Artigo 26-A, nos parágrafos 1º e 2º, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, obrigando as redes pública e particular de ensino a incluir no currículo a disciplina "história e culturas africanas, afro-brasileira e indígena".

Há cerca de dois meses, tenho trabalhado com crianças de uma escola pública na região serrana do Estado do Rio de Janeiro. Este trabalho consiste em meu projeto de dissertação de mestrado.

Com o grupo de crianças do *Coral Vozes do Amanhã*, compartilho leituras de literaturas que abordam a temática das populações africanas e afro-brasileiras e, a partir dessas leituras, faço com que as crianças se interessem pela produção de artesanato, contem

suas histórias e ficcionem outras a partir do que lhes tenho oferecido.

Uma das crianças tem-me chamado a atenção desde o primeiro encontro: um menino – Jefferson – de treze anos que está atualmente na 4<sup>o</sup> ano do ensino fundamental. Foi ele que veio ao meu encontro um dia e disse: "*Tia, eu trouxe os trapos*". Perguntei-lhe, "*que trapos*"? Ao que ele respondeu: "*Os pedaços de panos, tia, para nós trabalharmos*". Surpreendeu-me o fato de Jefferson: um menino interessado em trabalhar com pedaços de panos e bordados. Foi à única criança, naquele dia, a levar algum material para darmos início ao trabalho.

Por ser o primeiro dia com as crianças, levei o conto *Metamorfose*, da obra *A Cor da Ternura*, da escritora negra Geni Guimarães. Feita a leitura do conto com as crianças, por haver poucos pedaços de tecidos (levados por Jefferson), fiquei sem saber o que fazer, pois as crianças estavam ansiosas para produzirem os tapetes. Então, me veio a idéia de pedir que desenhassem os mapas do continente africano e do Brasil. Algumas crianças não quiseram desenhar e pedi-lhes, então, que me ajudassem a separar os tecidos para que pudessem ser usados na confecção de pequenos bonecos que representariam personagens do conto.

Mais uma, vez Jefferson me surpreendeu dizendo que faria seu próprio boneco – que seria ele mesmo e depois escreveria a história.

Terminou o tempo da aula naquele dia e Jefferson, na semana seguinte, permaneceu interessado na confecção do boneco; mas, quando pedi para ler novamente o conto e tentar escrever sua história, o menino teve grande dificuldade na leitura. Jefferson não retornou para sala de aula na semana seguinte e, durante o intervalo das aulas, me procurou e disse que precisava frequentar as aulas da outra professora, pois não estava conseguindo fazer os deveres e precisava usar o tempo da oficina de literatura e

artesanato para fazer as atividades da outra professora, caso contrário ficaria reprovado.

Jefferson não tem estado nas oficinas que tenho oferecido, mas sempre vai lá me dizer que retornará para continuar a aprender literatura e fazer artesanato.

Imbuída dessa idéia da contribuição da literatura para com os educadores e seus alunos nas salas de aula, concordo com Antonio Cândido quando se refere à literatura como prática formadora e anuncia que *ela forma os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros.* (Candido, 1998, p. 25).

Penso também a literatura como uma possibilidade de prática de leitura efetiva nas salas de aula, o que possibilita a contribuição para que a escola, no pleno exercício do seu papel, forme nos meninos e meninas os sentimentos de pertença. São muitos os Jeffersons que estarão reconfigurando suas identidades e levarão o que aprenderam dentro dos, para além dos muros dos ambientes escolares.

Nossos alunos, pela prática de leitura das narrativas literárias e das narrativas orais, poderão resgatar a auto-estima, difundirão a história e cultura do povo africano e afro-brasileiro. Contribuirão para que o silêncio sobre a real história desses povos deixe de ser uma constante na história oficial contadas pelos outros, pois serão eles (nossos alunos), sujeitos de suas próprias histórias.

.....

**✓ Sonia Regina dos Santos: Educadora; membro do grupo de pesquisa Narrativas, memórias e atualizações identitárias em contextos educativos.**

**Referências bibliográficas (ou textuais):**

• **CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 2ª ed. rev. São Paulo: Martins Fontes, 1998.**

• **GUIMARÃES, Geni Mariano. A cor da ternura. São Paulo: FTD, 1998.**

#### **Sites**

• **Literatura: a busca de um conceito. Disponível em: [http://www.urutagua.uem.br/02\\_literatura.htm](http://www.urutagua.uem.br/02_literatura.htm). Consultado em 24/11/2008.**

• **<http://www.epacoacademico.com.br> Consultado em 24/10/2008.**